



Lar de Joaquina pelos olhos de seus alunos¹

DELEVATI, Ananda da Silva

BOZZETTO, Lais Prestes

Centro Universitário Franciscano (Unifra), Santa Maria, RS

RESUMO

O presente artigo se insere na área do jornalismo comunitário e teve como objetivo retratar e divulgar a realidade do Lar de Joaquina através do olhar das crianças que estudam na terceira série na escola. Para tanto, usou-se a metodologia de pesquisa participativa em que o pesquisador insere-se na realidade do local participando ativamente de suas atividades. No decorrer do projeto em um primeiro momento foi abordado de uma forma lúdica conceitos básicos de fotografia, após cada criança construiu sua pin-hole (máquina de latinha) e foram retratar seu cotidiano com a máquina construída e com equipamento digital. Como resultado foi feita uma exposição com as fotos onde cada criança reconheceu o seu trabalho. Assim, a fotografia criou para o educando a possibilidade de interpretação do mundo à sua volta de uma maneira crítica.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo comunitário; aprendizagem visual; fotografia;

Introdução

Os tempos modernos trouxeram em seu bojo o conceito de responsabilidade social. Com base nele, pessoas e empresas se organizam em prol da comunidade com intuito de colaborar com as necessidades da população. Nesse sentido, o Lar de Joaquina é uma entidade civil, sem fins lucrativos que atua na área assistencial, educacional e cultural. Tem por fundamento os princípios da doutrina espírita. A escola de ensino fundamental Lar de Joaquina é responsável pela educação formal de 130 alunos da pré-escola até a quarta série, abarcando também 23 funcionários mantidos pela prefeitura municipal de Santa Maria, além de 40 voluntários.

O Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) mantém projetos de extensão no Lar de Joaquina. No ano de 2005, a partir do curso de Comunicação Social- Jornalismo, um primeiro projeto na disciplina de extensão em comunicação comunitária, o

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Trabalho desenvolvido na disciplina de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária II, no quinto semestre do curso de Comunicação Social- Jornalismo, do Centro Universitário Franciscano, sob a orientação da professora Rosana Cabral Zucolo.



“Jornalismo no Lar de Joaquina”, levou as crianças do lar a produzirem um jornal. Para tanto, foram realizadas oficinas de texto, foto e criatividade. O resultado o jornal intitulado “Jornal das meninas” com textos e fotos feitos pelas crianças. No ano seguinte, na mesma linha de trabalho um novo projeto de comunicação comunitária - “Divulgação da instituição em Santa Maria”- visou divulgar o Lar através de um jingle, um spot e um folder produzidos pelas alunas do Lar de Joaquina. A partir de entrevistas com os responsáveis pelo local e de oficinas para instigar as crianças a fazerem uma campanha eficaz, o material proposto pelo grupo foi produzido com sucesso.

Em 2009 acontece um novo projeto de comunicação comunitária com o objetivo de retratar e divulgar a realidade do Lar de Joaquina através do olhar das crianças. Para tanto, foi utilizada a metodologia de observação participante. Durante a execução do projeto foi aplicada uma oficina fotográfica, tendo como resultado uma exposição de fotos registradas pelas crianças.

Para chegar a este resultado usou-se a técnica da máquina construída com latinha de alumínio (*pin-hole*) quando as crianças puderam construir e entender o funcionamento de seu equipamento. Ao mesmo tempo, as crianças familiarizaram-se por meio de livros, recortes de revistas e brincadeiras com as noções básicas de fotografia. Dessa forma o olhar das crianças sob o seu dia-a-dia foi registrado, e reconhecido por elas no momento da exposição. Segundo Ginzburg (2001, p.138), “as imagens, quer representem objetos existentes, inexistentes ou objeto nenhum, são sempre afirmativas. Para dizer *Ceci n’est pas une pipe* (Isto não é um cachimbo), necessitamos de palavras. As imagens são o que são”.

Jornalismo comunitário

No jornalismo comunitário segundo Sequeira e Bicudo(2007) o local é quem dá as pautas. Ele conversa com grupos limitados, não se importa de ser pequeno. Pelo contrário, essa é a sua virtude qualitativa, pois se aproximando do público ele tem como conversar com ele de maneira mais intensa e profunda.

Como a participação das pessoas comuns está garantida, o jornalismo produzido passa a ser encarado com um patrimônio da comunidade, estimulando mobilizações e lutas coletivas capazes de produzir transformações (Sequeira e Bicudo, 2007, pág.10).



O jornalismo, para estes pesquisadores, não tem como preencher todas as lacunas, não é um dono absoluto da verdade, como se fosse uma espécie de um salvador da pátria. Ainda assim, tem uma função social muito importante a cumprir: democratizar a informação e incentivar ações de cidadania.

Morreti(1999) explica que a escola além de dedicar-se a ensinar os saberes científicos e a habilitar para a vida profissional, deve preparar as pessoas para o exercício de seus direitos. Independente de serem direitos humanos, de cidadão ou direitos sociais e políticos.

A conquista da cidadania significa a passagem de súditos para cidadãos, cujo arcabouço social requer o envolvimento das pessoas, condicionando-se seu status de cidadão à qualidade de participação. Esta é uma de suas bases. Outra está na noção de que suas formas se condicionam ao tipo de sociedade política em que se vive (Peruzzo,2002, pág.2).

Ainda segundo Peruzzo (2002), a educação se constitui universalmente pelo fato de que em todas as sociedades, tanto tribais como as mais complexas, como a em que vivemos atualmente, não é necessário somente a constituição biológica, mas também a transmissão de normas, valores, símbolos e crenças. Essas crenças, símbolos e valores são repassados de uma geração para outra e promovem o fortalecimento da identidade do grupo.

Para Hall, a identidade “*muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida*” (2006, pag. 21) . Para o autor a identidade é uma manifestação móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas como somos representados no sistema social. Se tratando de um processo de constante mudança seria mais correto falar em identificação, ou seja, a identificação como um processo em andamento, no qual os vários elementos identificados irão contribuir na construção da “identidade” do indivíduo ou do grupo o qual ele se insere.

As identidades ajudam os indivíduos a se localizarem e a serem localizados no âmbito social, trazem elementos que podem ser identificados por eles como uma resposta deste “apego temporário”.

Fotografia e aprendizagem visual



A fotografia é “arte de comunicar nossas idéias e pensamentos”. Segundo John Hedgeco (1979), quem registra constrói suas emoções, sua realidade e o seu ponto de vista. Em princípio, a tarefa de fotografar parece fácil, mas é necessária uma sensibilidade maior. A pessoa que fotografa pode decidir *o que e como* será registrado. Esta decisão será importante para o processo como um todo, pois nela entra a história de vida do observador-registrador. No caso do projeto desenvolvido, contatamos que interagindo com o seu ambiente natural, a característica mais espontânea de uma criança é expressa: a criatividade.

Buscamos apoio em Chiapinotto e Fabrício (2005) que explicam não ser somente por meio da escrita e da oralidade que se dão os processos de alfabetização e comunicação da sociedade. Para as autoras junto ao aprendizado clássico da escola há a necessidade de alfabetização visual, pois na sociedade em que vivemos o consumo de imagens tem importância enquanto instrumento representativo do real. “*Assim, a fotografia, como suporte e “mãe” de todas as imagens torna-se um meio necessário de ser trabalhado concomitantemente aos métodos de ensino convencionais.*” (Chiapinotto;Fabrício, 2007,pág 102)

Ainda segundo as autoras, a linguagem visual é também um registro de opiniões sobre um tema. A fotografia tem linguagem própria e elementos que dependem da história de cada um. Dependem de sua construção pessoal, seu aprendizado e de sua maneira de ver o mundo. O que nos leva a fotografar é uma motivação de alguma parte, um sentimento de identificação. A comunicação por meio da imagem, a narrativa do acontecimento.

Para elas, a fotografia cria para os educandos a possibilidade de interpretação do mundo à sua volta, representações de sua vida escolar, familiar e geográfica, explorando, portanto, linguagens diferentes que auxiliam na comunicação e no entendimento particular e social. Além disso, há também a preservação da memória de forma imagética, provocando a oralidade evocada por uma fotografia que congela no espaço e no tempo realidades de outrora.

Temos que decodificar o mundo também em imagens, entender o que estamos recebendo da TV, das revistas. Identificar como olhamos para as coisas, como as enxergamos de verdade, quais seus significados e representações. (Chiapinotto;Fabrício,2007, pág. 103)



A fotografia é um texto e, como tal, é formada por uma linguagem específica que a estrutura, e também pela subjetividade de quem está por trás do visor de uma câmera fotográfica. Aproximar pessoas e fortalecer a identidade de um grupo social utilizando a fotografia como mediadora proporciona conhecimento e reconhecimento desse grupo por ele mesmo.

Segundo Andrade (2002) as imagens dialogam com a realidade e com a representação dessa realidade. As imagens também são observações estéticas e documentais da realidade, carregando significados transparentes de emoção, afetividade e religiosidade. O processo de percepção ao fotografar assemelha-se ao observador na antropologia perceber o outro, a principal tarefa e diferença da fotografia é que ela registra. A fotografia humanizada reflete a realidade comunitária e insere o objeto-foco em um processo de ação social. Acredita-se, portanto que imagens retêm força, pelo fato de que “a vida se mostra como imagem antes mesmo de haver uma história de vida” (ANDRADE, 2002, p.17).

A imagem na fotografia contém a vantagem de uma comunicação inicial direta, que ultrapassa códigos dos diferentes tipos de discurso, nas várias culturas. Andrade (2002, pág.17) ressalva que “a fotografia é um meio de expressão individual, mas também um instrumento de conhecimento das diversidades do mundo”.

É evidente na sociedade atual a importância da compreensão das imagens visuais. Cada vez mais se intensificam as formas e possibilidades da comunicação visual. Mas muitas vezes crianças e jovens excluídos da sociedade, aqueles que dispõem de poucas opções de lazer na comunidade, não tem acesso ao consumo de bens simbólicos e acabam ficando em um situação de “analfabetos visuais”, excluídos também da produção de imagens. O conceito de alfabetismo visual é proposto por Doris Dondis em Sintaxe da linguagem visual.

A força cultural e universal do cinema, da fotografia e da televisão, na configuração da auto-imagem do homem, dá a medida da urgência do ensino do alfabetismo visual, tanto para comunicadores quanto para aqueles os quais a comunicação se dirige. (DONDIS, 1999, p. 4)

As comunidades empobrecidas, que sofrem amplos processos de exclusão social, geralmente não participam da produção da própria imagem. Isso foi observado pelo antropólogo e fotógrafo Milton Guran para quem:



“Sendo sempre e sistematicamente apresentadas ao conjunto da sociedade sob o impacto da tragédia – catástrofes, guerra de quadrilhas e confrontos com a polícia – o que só faz aumentar o preconceito com essa parte da população e a diminuir sua auto-estima” (GURAM, 2004).

A fotografia por ser uma forma de comunicação não verbal, pode ser vista como um suporte de alfabetização e pensada como um meio bastante didático. A alfabetização visual pode ser definida como a habilidade de entender uma gama de representações visuais. Conforme Elliot Eisner (2002) o ensino é mais abrangente quando se vale de representações visuais. A alfabetização visual, por intermédio da fotografia, proporciona ao aluno condições de conhecer e reconhecer a sociedade a qual pertence.

Devemos entender que a expressão pela imagem sempre esteve presente na história do homem. Para Humberto (2000, p.71), “*ela é decorrente de uma necessidade visceral, tornando-se concreta em função de um suporte existente e de uma tecnologia disponível em um dado momento*”. Por isso a necessidade de estimular os alunos a criarem suas próprias representações e interpretações por meio da imagem captada fotograficamente.

Conforme teoriza Barnhurst (1994), a comunicação visual, assim como outras formas de comunicação, só é possível por meio da concretização da linguagem imagética. O processo de construção da comunicação visual (neste caso a fotografia) pode ser dividido em três fases básicas: observação/ apreciação, reconhecimento e habilidade de comunicar.

A câmera fotográfica tem um caráter lúdico, o que proporciona no ensino a oportunidade de expressar e representar a realidade do seu ponto de vista, se tornando autor e sujeito ativo de sua história, e não apenas um espectador passivo. Uma alfabetização visual através de oficinas de fotografia que permita compreender como as imagens fotográficas que proliferam no mundo são construídas se mostra fundamental para entender os significados dessas imagens. (AUMONT, 1993).

Análise final

A infância é uma importante fase na formação de caráter de uma pessoa. Através da oficina fotográfica os alunos com quem trabalhamos no Lar de Joaquina puderam aprender sobre fotografia e ir além do ensino de aprendizagem verbal que aprendem



desde cedo na escola. Também ampliaram a comunicação do grupo, trocando experiências educativas.

O projeto permitiu o aprendizado mútuo. A cada encontro e com o desenvolvimento do trabalho foi importante conhecer melhor cada aluno para saber como lidar com ele. Alguns problemas foram detectados, como a descoberta de alunos que não conseguiam escrever sozinhos, e as tarefas modificadas para conseguirmos atingir também a eles. Para quem realizou o trabalho, cada aula se configurou como um novo desafio. Conseguir despertar a atenção das crianças por meio do interesse nas atividades foi o maior deles. Em grande parte esse desafio conseguiu ser superado devido à curiosidade delas. Descobrir como uma simples lata de alumínio pode gerar uma imagem é algo que deixa até adultos impressionados. E foi a melhor maneira de fazer as crianças entenderem como funciona a fotografia, e se interessarem em realizá-la.

A técnica da *Pinhole* trouxe mais do que um exercício de criatividade ao confeccionar uma máquina fotográfica artesanal, mas também o exercício da cidadania.

O método utilizado também foi de educar por meio das aulas. Educar, pois desde os primeiros anos na escola aprendemos a nos comunicar pela oralidade, mas apresenta-se totalmente novo aprender a comunicação visual.

Tentamos desenvolver uma leitura e uma educação crítica para a recepção das mensagens através dos meios de comunicação. Isso aconteceu quando eles escolheram imagens com os quais se identificavam em revistas. O apelo da mídia para questões como sexo e consumo é muito grande, e isso se refletiu nas escolhas dos alunos. Os deixamos livres para escolherem o que mais os agradasse, mas questionamos se era com aquele material que realmente se identificavam. Não queríamos que eles apenas recebessem a mensagem, mas que soubessem refletir sobre elas e produzi-las, incentivando assim a cidadania.

Buscamos o fortalecimento da identidade do grupo, mesmo com suas individualidades, egoísmos, aceleração e precocidade nas etapas.

Na turma há disputas. Há aqueles que são rejeitados pelos demais e que se unem a outros, na mesma situação, para se fortalecerem; há também os que ocupam lugar de destaque e fortificam essa imagem com suas ações violentas, insubordinadas,



idolatradas ou preconceituosas. Tentamos fazer com que todos fotografassem todos e também todos estivessem presentes nas fotografias da exposição final.

Além da *pinhole* as crianças também tiveram noções de enquadramento e contato com fotógrafos por meio de livros. Algumas atividades no decorrer do tempo da aula parecerão lições bobas, mas acabaram se mostrando atividades educativas e que incentivaram os alunos a gostarem das atividades propostas. A fotografia fez os alunos verem o ambiente e a realidade em que vivem de uma maneira que não haviam percebido, como um outro universo a ser descoberto por eles.

A troca de conhecimento permeia os meios de comunicação, pois a comunidade age através deles e a sua produção é resultado da busca por um mesmo objetivo. Ou seja, era interação do observador- registrador em seu ambiente natural com a finalidade de construir e levar de maneira sociável este produto, vindo numa realidade a outros grupos sociais.

A finalidade da oficina se localiza em um canal de expressão onde a criatividade tem o papel educativo, cultural e visa ampliar a cidadania e a troca de conhecimento. Segundo Peruzzo (2006,pág.05) “No misto de mídia comunitária e alternativa que se descobre a comunicação como mediação no processo de formação da auto-estima e da cidadania juvenil em áreas carentes”.

Peruzzo (2006) diz que a comunicação popular ou alternativa exterioriza os problemas da comunidade e compromete as outras classes a construir algo em prol da igualdade e da justiça. As imagens farão com que as pessoas, mesmo as que nunca visitaram o Lar de Joaquina, entrem em contato com a realidade das crianças. As fotos, segundo Dubois (2004), transformam a impressão de realidade em impressão da presença, e o usuário experimenta a simulação como um real.

Todo cidadão tem direito à educação. Por sua vez, a educação implica outras características. A oficina de criatividade pode desenvolver a comunicação, a troca, a descoberta e curiosidade. Enfim, a socialização com uma comunicação educativa e direcionada promovendo cidadãos e sujeitos. É necessário que, quando a comunicação das mensagens seja feitas, os receptores possam reproduzir estas mesmas mensagens. Neste momento o cidadão será sujeito com capacidade de ser ativo em seu meio.



A fotografia das crianças mostra não só a sua realidade individual, mas aquilo que é partilhado pelo grupo. Essa realidade que é compartilhada pelas crianças também confere um sentimento de pertencimento ao grupo, de auto-estima nas crianças e também uma melhora no relacionamento entre eles. Todos puderam fotografar e se ver nas imagens expostas em seu lugar de convivência, a escola, e em uma área social nobre do espaço escolar, o refeitório.

As crianças do Lar e Joaquina possuem uma realidade sócio-cultural comum. A arte e a fotografia servirão de instrumentos para exteriorizar suas capacidades e projetar na sociedade sua realidade.

A realidade não é, então, uma possibilidade entre aquelas dos quais se quer libertar, mas é aquilo que o define, o identifica, o chama a um papel e a um sentido. O comunitário, enfim, é aquele que confere importância ao sentir comum, aos ritos e costumes de um povo, não como uma visão sociológica ou folclórica, mas vital como modelo de referência para orientar-se. (Paiva, 1998, pág.8)

A relação dessa comunidade pode ser vista, também, como a troca de vivências e influências que a atividade proposta pode trazer em benefício delas, como reconhecimento, solidariedade, melhora no relacionamento e muitas outras que não podemos prever.

Só através da comunicação comunitária há troca de idéias, fatos e emoções. São etapas decorrentes no processo de execução deste projeto junto ao Lar de Joaquina, despertar emoções, atitudes e potencialidades. . As crianças sabem agora ler o ambiente em que vivem não somente por meio da oralidade, mas sabem como se expressar com a ajuda de uma câmera fotográfica.

Segundo Peruzzo (2002), a contribuição com consciência e crítica e a ampliação do nível do conhecimento é estimulada pelo jornalismo comunitário.

Na exposição final, os alunos não procuravam pelas fotos em que apareciam e sim pelas fotos que haviam feito.

O método utilizado também foi de educar por meio das aulas. Educar, pois desde os primeiros anos na escola aprendemos a nos comunicar pela oralidade, mas apresenta-se totalmente novo aprender a comunicação visual.



Bibliografia

ANDRADE. R. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo (SP): Estação Liberdade/Educ; 2002.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993.

BARNHURST, K. **Seeing the newspaper**. New York: St Martin's Press, 1994.

BICUDO. Francisco; SEQUEIRA, Cleofe. **Jornalismo Comunitário. Importância, conceitos e desafios contemporâneos**. Revista PJ:BR Jornalismo Brasileiro. Dossiê: Comunitário e Popular. 2007. Acesso em junho de 2009.

CHIAPINOTTO, M. L. ; FABRÍCIO, Laura Elise de Oliveira . Pinhole: **Fotografia na Lata como Processo de Comunicação em Comunidades Carentes**. VIDYA, V.24 , nº 42, p.101-108, jul/dez,2004 - Santa Maria,2007.

DONDIS, Doris A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



- DUBOIS, Philippe. **Máquinas de imagens: uma questão de linha geral**. In: Dubois, P. *Cinema, vídeo, Godard*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- EINSNER, E. W. **The arts and de creation of mind**. New Heaven: Yale UP, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro; Paz e Terra 1981.
- GINZBURG, Carlo. 2001. **Olhos de madeira**. São Paulo: Companhia das Letras.
- GURAN, Milton. **“Inclusão Visual”, a Inclusão Social através da Fotografia**. Disponível In: <<http://photos.uol.com.br/matéria.jsp>>.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003
- HEDGECOE, John. **Manual de fotografia**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- HUMBERTO, L. **Fotografia, a poética do banal**. Brasília: UnB, 2000.
- MICHEL, Margareth de Oliveira e Muchel, Jerusa de Oliveira. **Comunicação Comunitária-Resgate da Cultura e Construção da Identidade**. Disponível In: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/michel-margareth-jerusa-comunicacao-comunitaria-cidadania.pdf>. Acesso em junho de 2009.
- MORETTI, Sérgio L. Amaral. **A escola e o desafio da modernidade**. Revista ESPM. São Paulo: Referência, v. 6, jan./fev/ 1999.
- PERUZZO. Cecília. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. Revista PCLA – Pensamento Comunicacional Latino Americano. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp, v.4,n.1, p.1-9, 2002a. Disponível In: www.metodista.br/unesco/PCLA. Acesso em junho de 2009.
- PERUZZO, Círcia M.K. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa Comunicação para Cidadania.XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,



promovido pela INTERCOM e realizado na Universidade de Brasília-DF, de 6 a 9 de setembro de 2006.[CDRom].

PAIVA, Raquel. **Comunidade Gerativa**. Disponível In:

www.eca.usp.br/alaic/chile2000/.../RaquelPaiva.doc. 2000. Acesso em junho de 2009.

Site do Lar de Joaquina: <http://www.lardejoaquina.com.br/>. Acesso em junho de 2009.